

Contribuições para a história pública militar: Reflexões a partir de entrevista com profissionais

Contributions to military public history: Reflections from interviews with professionals

Ana Beatriz Bernardes*
profa.bernardesana09@gmail.com

RESUMO: O presente trabalho busca ampliar as discussões a respeito da história pública e a relação de instituições federais com sua(s) própria(s) história(s). Esse texto surgiu como proposta de escrita na disciplina de História Pública (FH-UFG 2021) e a partir de entrevistas com dois militares e cinco civis, pudemos constatar que as funções do exército são um assunto um tanto enevoado na mentalidade da população. A proposta do texto é que seja um pontapé inicial para se ampliar essa discussão e difundir mais o conhecimento histórico a respeito da trajetória dessa instituição, não só para que a população civil tenha consciência do que o Exército simboliza; mas também entre os próprios militares, que reconheçam sua história e façam as devidas análises dos erros e acertos passados. O texto busca expor e problematizar as recentes falas do atual presidente Jair Bolsonaro referentes ao torturador Coronel Carlos Alberto Ustra e quais são as memórias que ele está perpetuando em seu governo ao chamar esse militar de “herói nacional”.

PALAVRAS-CHAVE: História pública; Exército; Memória.

Abstract: The present work seeks to increase the debate about public history and the relation to federal institutions with his own story(ies). This composing came out as a proposal of writing in the Public History subject (FH-UFG 2021) and from interviews with two militaries and five civils, we could verify that the Brazilian army functions are quite a foggy subject on the mentality of the population. The work proposal is to be a beginning to extend this discussion and spread more the historical knowledge about this institucion trajectory, not just to the civils, for then to have more conscience about what the army symbolized; but for the militaries too, for then to recognize their history and make the needed analysis about their mistakes and successes in the past. The text also seeks to make an exposition and problematization about some recent speeches of the current president of Brazil, Jair Bolsonaro, which refers to the torturer Colonel Carlos Alberto Ustra, and which are the memories that the president is perpetuating on his government by calling this military a “national hero”.

KEYWORDS: Public History; Military; Memory.

* Graduanda em História pela Universidade Federal de Goiás.

1. Introdução

A memória dos brasileiros no que tange as atuações das instituições militares ao longo da história é muito enevoada e depende de vários fatores sociais e individuais, tais quais: classe social, acesso à educação, local de moradia, faixa etária, cor de pele, e até mesmo o mais subjetivo, que são as bolhas sociais que estamos inseridos. Com tantas variantes, e partindo da área das Ciências Humanas, esse texto não se propõe a trazer respostas exatas, ou medir com precisão o quanto as pessoas se lembram sobre a história do exército. Esse texto nasce de dois fatores: uma observação pessoal ao longo de toda minha vida, pois, em minha “*bolha social*”, tive contato com muitos militares; e da proposta de escrita feita pelo professor Cristiano Nicolini como conclusão da disciplina de História Pública (ministrada na graduação da Faculdade de História na UFG em 2021).

Tendo isso em vista, a metodologia original empregada foi entrevistar dois militares e cinco civis a respeito da história do exército brasileiro¹. As entrevistas foram feitas individualmente e em um espaço de três dias, as perguntas e respostas foram gravadas e arquivadas. O objetivo era desenvolver algumas ideias iniciais a respeito da falta de memória, de importância, ou de compreensão real da instituição Exército Brasileiro, sob a perspectiva da categoria História Pública. A proposta da avaliação era entrevistar profissionais de fora da área da educação/história, e depois fazer um balanço reflexivo sobre a relações que a(o) entrevistada(o) faz com a História. Escolhi como profissionais, dois militares que servem atualmente no Comando de Operações Especiais em Goiânia (GO), um tenente da área administrativa e uma tenente da área médica. Em complemento, realizei perguntas de mesmo tema para pessoas civis a fim de entender não só a história do exército na atuação dos próprios militares, mas também a memória histórica que as pessoas têm dessa instituição.

Sendo assim, esse texto busca ampliar a discussão referente à memória coletiva da história do exército, partindo do discurso do então deputado Jair Messias Bolsonaro na sessão da câmara, em abril de 2016, em que ele deu seu voto “sim” para o prosseguimento do processo de Impeachment contra a atual presidenta da época, Dilma Rousseff, e sendo então, um objetivo secundário deste texto, manter essa fala viva na memória.

¹ Importante ressaltar aqui que as entrevistas foram poucas em número assim como curtas em duração, tendo em vista que o texto original era para a conclusão de disciplina e portanto não houve tempo hábil para desenvolver uma metodologia de entrevista mais elaborada. Para essa nova versão do texto, foi realizada uma ampliação das referências, desenvolvimento da introdução e o acréscimo do tópico 3.

2. *Entrevistas iniciais*

A escolha de trazer entrevistas com civis se justifica em primeiro lugar pois há um grupo considerável de pessoas que tem nos últimos anos se organizado e mobilizado a fim de pedir o retorno da ditadura militar, pessoas indo às ruas literalmente para pedir que seus direitos sejam reprimidos por governos militares²; O segundo ponto é que o Exército sendo uma instituição federal é um bem público e que deve servir à população, em acréscimo, é uma instituição que descende de ações colonizadoras³, sendo portanto constituinte da história do Brasil.

Os entrevistados

V. B. – militar tenente do exército, 49 anos (alistado e formado em escola militar no interior de Minas gerais)

M.S. – médica militar tenente do exército, 34 anos (alistada em BH-MG, mas fez o curso de saúde no RJ)

E. B. – contadora, 49 anos (ensino superior completo)

R. F. – desempregado, 18 anos (ensino médio completo)

K. D. – empresária, 54 anos (ensino médio completo)

R. A. – farmacêutica, 46 (ensino superior completo)

L. P. – estudante e designer gráfica, 23 anos (ensino superior incompleto)

As perguntas

As perguntas feitas aos militares foram:⁴ 1. Poderia dizer o que você sabe sobre a história do exército brasileiro? Se fosse colocar em uma linha do tempo simples, a origem, guerras que participou, etc. 2. Onde você aprendeu essas informações? 3. Você acha que a maioria das pessoas sabe dessas informações? 4. Você acha que conhecer a história desta instituição federal faz uma diferença prática na vida pública? 5. Você acha que saber a história do exército brasileiro faz diferença no seu trabalho? 6. Você mudaria algo no ensino da história

² “Pequenas manifestações em capitais do país celebraram nesta última quarta-feira (31) o golpe militar de 1964 e saíram em defesa do presidente Jair Bolsonaro (sem partido), símbolo do saudosismo da ditadura (1964-1985)”. **Folha de São Paulo**, 31 de março de 2021. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/03/atos-esvaziados-pelo-pais-celebram-golpe-de-64-e-pedem-intervencao-militar-com-bolsonaro.shtml>> Acesso em: 06 jun. 2021

³ Me refiro aqui à experiência de guerra referente ao período da invasão holandesa na primeira metade do século XVII ao nordeste, considerada uma das primeiras experiências de guerras que buscavam proteger o território “brasileiro” contra um inimigo externo. Sobre a invasão ver MELLO, Evaldo Cabral de. **Olinda Restaurada: guerra e açúcar no Nordeste (1630-1654)**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.

⁴ As entrevistas foram gravadas de forma remota usando o aplicativo Whatsapp durante o mês de junho/2020 durante a pandemia de Covid-19, e estão no arquivo pessoal da pesquisadora.

do exército brasileiro na formação dos jovens soldados? 7. Você acha que a forma que te foi ensinado a história do exército na formação inicial foi boa? Ou precisa mudar algo? Aprofundar? Problematizar algo? 8. Quem passou essas informações? Um instrutor militar ou um historiador civil?

Para os civis, foram feitas as mesmas quatro primeiras perguntas, no entanto alterei as três últimas para: 5. Saber a história do exército brasileiro molda sua opinião sobre essa instituição? 6. Você acha importante que novos jovens soldados saibam a história do exército brasileiro de forma superficial ou você acha que deve ser algo fundamental na sua formação? Justifique. 7. Você acha que o ensino da história na formação de jovens soldados deve ser feito por instrutores militares ou por historiadores?

Os militares entrevistados foram V.B. homem cis/hetero, negro, 49 anos, da arma de engenharia e que se formou nas Forças Armadas no interior de Minas Gerais; a outra foi M.S. mulher cis/hetero, 34 anos, médica formada pela Escola de Saúde do Rio de Janeiro. Em suas respostas, foi interessante perceber que apesar de serem entrevistados separadamente e não saberem das respostas um do outro, houve muita semelhança de pensamento. É possível observar até mesmo uma formação com base semelhante, mesmo que atuem em áreas bem diferentes: eles demonstraram mais conhecimento histórico na pergunta 1, do que os civis entrevistados; mencionaram que a maioria desse conhecimento veio das escolas militares; e apontaram que os instrutores dessas matérias não eram historiadores civis formados, e sim instrutores militares.

Outro exemplo marcante: ambos demonstraram preocupação com o conhecimento histórico com relação à opinião pública, por exemplo na questão 4, essas foram as respostas:

V.B. Acho que conhecer a história é importante, para qualquer povo, seja ela a história militar, a história política, a história nos diversos ramos eu acho que é importante, então tem a questão da importância e tem também da questão da valorização e entender o funcionamento, porque muitas pessoas não entendem a função do exército, às vezes querem que o exército façam determinadas coisas porque estão insatisfeitos com político A ou B, mas não são funções do exército, então conhecer a instituição seria importante para saber o que esperar dessa instituição.

M.S. Eu acho que sim, por que eu acho que tem muito desconhecimento do Exército, do que o Exército... qual que é a função do Exército no Brasil ou em qualquer outro país, e vejo isso com pessoas muito próximas a mim mesma assim, minhas amigas, por exemplo, muita gente brinca assim comigo ‘Ah se eu fosse você eu prendia tal pessoa’ e na verdade o Exército nem tem esse poder de polícia né? Então acho que tem muito desconhecimento mesmo da parte é, do que se pode e não pode fazer e isso se confunde muito com a

História. Então saber a história dessa instituição, saber porquê que o Exército foi formado e como que ele evoluiu ao longo dos anos, traz esse conhecimento mesmo de qual é a função dele *né*? O que que a gente pode cobrar dos militares, ou qual que é os deveres dos militares, ou quais que são os direitos dos militares *né*? Então acho que saber a história faz muita diferença nisso, entender mesmo a instituição como um todo.

Em contrapartida, essa foi a resposta dos civis para a mesma pergunta:

E.B. Acredito que sim, acredito que todos os órgãos, esses três que falei que fazem parte das Forças armadas, exército, marinha e aeronáutica, sim, deveria ser mais próximo da população em termos de conhecimento.

R.F. É... sim, porque *aí* você aprende um pouco mais sobre quem ajudou a construir história do nosso país, *aí* também ajuda na luta contra a ignorância, que ainda existe no nosso país e no mundo.

R.A. Talvez hoje faria *né*, com esse presidente que a gente tem hoje que é do exército, talvez hoje a gente até poderia entender alguma coisa.

K. D. Acho que sim, acho que a gente deveria conhecer as histórias de tudo, mesmo que só por pesquisa e conhecimento, até porque se você tem conhecimento você tem embasamento, você sabe falar, sabe criticar, acho importante sim.

L.P. Cara, eu acho que sim. *Num* geral assim, *né*? Não só sobre a história do exército, mas a história da própria política assim, porque querendo ou não *tá* meio envolvido, *é*... porque *sei lá* se você não sabe como foi no passado e a situação se repete, você não tem como saber, você acaba deixando passar algumas coisas, alguns erros que foram cometidos e que poderiam não ser cometidos novamente. Então acho que sim, eu gostaria inclusive de saber mais sobre, *é* que eu não prestava atenção nas aulas...(risos).

A questão 1 foi, como esperado, bem incompleta tanto entre os civis quanto entre os militares, apenas V.B. soube identificar o marco inicial melhor conceituado entre os historiadores:

V.B. Difícil (risos). É o Exército, hoje tem até uma música que se chama “Guararapes” retratando o evento que ocorreu em Pernambuco, que havia uma invasão holandesa, então uniu-se as três raças, homens negros, índios e branco (...).

Os outros, no entanto deram respostas vagas sobre a colonização, alguns afirmaram não saberem nada, dois citaram a importância do exército na Proclamação da República, dois citaram a Guerra do Paraguai e apenas três citaram a Ditadura Militar – nenhum dos dois militares citou a Ditadura por esse nome, apenas M.S. chamou de “governo militar”. Na questão 2, quase todos os civis disseram ter aprendido sobre na escola, na 3, unanimidade, todos acham que a maioria das pessoas desconhecem, muitos até se incluindo. Na 6, a resposta foi unânime também “mais fundamental”, “melhor aprofundada”. Na questão 7 houve uma disparidade:

E.B. É uma pergunta bem capciosa, eu acredito que por profissionais formados em História mas que sejam da Instituição, professores militares.

Porque ele vai aliás o que ele aprendeu na faculdade com o aprendizado prático dele na instituição, eu vejo que poderia ser um historiador militar

R.F. Pergunta difícil (silêncio) *é...* os historiadores é quem seriam uma opção boa, mesmo não tendo uma aprovação do meio, das pessoas que estão ali. Eles poderiam contar a história da guerra do ponto de vista deles, eles iriam *pra* mostrar o ponto de vista deles e a ajudar os jovens militares a construírem o ponto de vista deles, também, e se eles quiserem ir atrás dos instrutores militares *pra* ajudar na formação do ponto de vista.

R.A. Ah, eu acho... eu acho que do exército né, que já passou por isso, que já sentiu.

K. D. *Ai*, eu acho que por historiadores. Os militares podem até passar a ideologia, a forma de pensar, de agir, aquele jeito deles de militar, a ordem *tudo*, mas a história deveria ser passada por professores.

L.P. Ah, por historiadores, que *assim.... tipo assim...* o instrutor militar, por mais que ele saiba, que ele aprendeu mas, *sei lá*, ele não estudou especificamente para aquilo, então acho que deveria ser realmente alguém *né?* Formado, que estude a história do exército *tal* para passar esses ensinamentos. Porque se não pode acontecer de passar a informação incompleta, ou parcial, tendendo mais para um lado do que para o outro.

3. *A memória dos patronos*

As respostas obtidas dos civis entrevistados demonstram pouco conhecimento pela história do Exército e pelas suas funcionalidades, assim como os relatos dos próprios militares que se demonstraram frustrados pelos conceitos erroneamente difundidos de quais são suas atribuições. Isso demonstra o quão necessário é insistir nesse tema, que a história militar seja sim mais pesquisada na academia e que esteja mais presente na mentalidade da sociedade civil, pois é uma instituição constituinte e intensamente presente na nossa vida pública, ainda mais no momento presente do governo Bolsonaro.⁵

Um momento particularmente marcante, em que a memória pública parece ter falhado quando a história militar, foi no discurso do atual presidente, deputado na época, na sessão da câmara dos deputados que se prestava a abrir o processo de impeachment contra a presidenta Dilma Rousseff, o parlamentar proferiu o seguinte discurso:

Nesse dia de glória para o povo brasileiro, tem um nome que entrará para história nessa data, pela forma como conduziu os trabalhos nessa casa:

⁵ O atual governo Bolsonaro teve mais militares em cargos importantes, como a frente de ministérios que nada tem relação com a Defesa, que qualquer outro governo democrático pós Ditadura de 64. Alguns veículos de informação como Folha S.Paulo, G1, Correio Braziliense, entre outros, lançaram notícias referente a uma pesquisa encomendada pelo ministro Bruno Dantas do Tribunal de Contas da União, que apontaram a presença de mais de 120% de militares ocupando cargos civis no governo Bolsonaro (jun, 2020) do que no mesmo período em 2018. Esses dados, no entanto, não foram encontrados disponíveis ao público na íntegra em nenhum veículo do próprio TCU. Fonte: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/economia/2020/07/17/internas_economia,873137/segundo-tcu-6-1-mil-militares-ocupam-cargos-no-governo.shtm>. Acesso em: 31 ago. 2021

parabéns presidente Eduardo Cunha! Perderam em 64, perderam agora em 2016. Pela família e pela inocência das crianças em sala de aula que o PT nunca teve. Contra o comunismo! Pela nossa liberdade! Contra o Foro de São Paulo! Pela memória do Coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff! Pelo Exército de Caxias! Pelas nossas Forças Armadas! Por um Brasil acima de tudo e por Deus acima de todos, o meu voto é sim! (informação verbal)⁶

As figuras militares lembradas pelo deputado foram Duque de Caxias, patrono do exército brasileiro, e o coronel Ustra⁷, comandante do DOI-Codi (Destacamento de Operações de Informações - Centro de Operações de Defesa Interna) no período ditatorial. A discussão sobre esses dois perfis é extensa e merece mais espaço para quem deste texto. Caxias foi consagrado e é até hoje amplamente lembrado e homenageado em eventos e instituições militares, sem nenhuma problematização de suas ações ou da sua persona real histórica: “A historiografia escrita por autores militares desumanizou Caxias, ao apresentá-lo como soldado e cidadão sem falhas. A artificialidade dessa imagem contribuiu para a pouca identificação com ela por parte do cidadão comum” (DORATIOTO, 2003, n.p.).

Ouso aqui, levantar a problemática e a tarefa, dentro da academia, mas principalmente dentro da esfera pública e política, de não permitir que o mesmo aconteça com o coronel Ustra: que a sua memória seja discutida e debatida, com os devidos cuidados e responsabilidade, pois o que o atual presidente parece tentar fazer em algumas ocasiões, é se apropriar politicamente da figura de Ustra, o colocando em um pedestal, como a historiografia militar fez com Caxias.⁸ A insistência na problematização na fala de Bolsonaro, é porque alguns anos depois, ele foi eleito para o cargo mais alto do executivo do país, e levou consigo a ampliação desses discursos de exaltação da misoginia, da violência, do racismo, do paternalismo e tortura.

4. Conclusão

As entrevistas feitas me levantaram diversas questões, e certamente, com o devido desenvolvimento ajudariam a esclarecer ainda mais o tema da memória coletiva sobre o exército, e até mesmo a consciência histórica dos próprios militares. A história do exército, como dito anteriormente, pertence à história geral do Brasil, e deveria ser mais amplamente

⁶ Transcrição da autora. Vídeo completo disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=WvN7nYxbH-o>> Acesso em: 1º set. 2021.

⁷ “(...)o coronel reformado Carlos Alberto Brilhante Ustra tornou-se o primeiro oficial condenado na Justiça brasileira em uma ação declaratória por seqüestro e tortura durante o regime militar (1964-1985)”. Disponível em: <<https://www.oab.org.br/noticia/14836/juiz-condena-coronel-ustra-por-sequestro-e-tortura>>. Acesso em: 2 set. 2021.

⁸ **Bolsonaro volta a chamar Coronel Ustra de "herói nacional" | SBT Brasil (08/08/19)**. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=dRdUX7egC6E>>. Acesso em: 2 set. 2021.

discutida em meios públicos, afinal as instituições militares são as que representam o monopólio da violência do Estado, e estão presentes na vida pública exercendo suas funções, ou ocupando cargos políticos depois de aposentados.

No entanto, são como todas as outras instituições: concretadas em paradigmas e antigos estandartes que construíram nossa sociedade brasileira, e nessa base encontramos o racismo e a misoginia, por exemplo. As instituições militares, se fazem presentes também como propagadoras dessa lógica, não é à toa que as mulheres sejam minorias nessas instituições⁹- pois por muito tempo inclusive proibidas de acessar essa carreira -, assim como não é coincidência que 78% dos mortos em operações policiais no RJ são “pretos e pardos”¹⁰.

Bruno Fagundes, ao discutir a lenta abertura do Brasil à História Pública, inicia seu texto brilhantemente apontando e questionando:

de quem é a História para imaginarmos que as pessoas não vão querer? Ela, história, não lhes pertence também? A nosso ver, tal afirmação demonstra desentendimento e sentimento de ameaça. Quando se trata de História, o Brasil, “permanece o país da academia”, como quer Henri Rousso (1984) escrevendo sobre a França (FAGUNDES, 2017, p. 3019)

Acredito que a história pública pode ajudar as instituições militares a fazerem um revisionismo histórico, assim como ajudar na formação dos novos militares, para romper esse ciclo de barbaridades historicamente estruturadas. Os entrevistados militares falaram diversas vezes sobre como a função do exército é proteger as pessoas e o território, sobre como (na questão 4) as pessoas não têm um conhecimento real sobre a história, e, por consequência, das atribuições e contribuições do exército para a vida pública. E apesar dos dois concordarem que o ensino de história deva ser mais incentivado, não houve uma fala sobre a necessidade de mudar a forma como essa história é contada.

É de fato, importante ressaltar que os militares têm sido importantes em muitas campanhas e missões humanitárias¹¹, levando mantimentos, saúde e estrutura para lugares mais

⁹ “(...) em 2019, as mulheres representavam 11% do efetivo ativo da polícia militar e 27,6% da polícia civil das Unidades da Federação” Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/30172-estatisticas-de-genero-ocupacao-das-mulheres-e-menor-em-lares-com-criancas-de-ate-tres-anos>>. Acesso em: 07 jun. 2021.

¹⁰ Pretos e pardos são 78% dos mortos em ações policiais no RJ em 2019: 'É o negro que sofre essa insegurança', diz mãe de Ágatha. **G1**. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/06/06/pretos-e-pardos-sao-78percent-dos-mortos-em-acoes-policiais-no-rj-em-2019-e-o-negro-que-sofre-essa-inseguranca-diz-mae-de-agatha.ghtml>>. Acesso em: 06 jun. 2021.

¹¹ Noticiário do Exército. **Ministério da Defesa Exército Brasileiro**. Disponível em: <<http://www.eb.mil.br/web/noticias/noticiario-do->

distantes das capitais e até mesmo fora do Brasil, e isso também faz parte da sua história, essas ações têm de ser amplamente divulgadas, não só as do presente como as que constituem o seu passado. Ambas facetas fazem parte do exército, porém, a partir dos conhecimentos adquiridos ao longo da minha formação e das entrevistas concedidas, vejo que seria de suma importância uma reeducação histórica dentro da instituição a fim de que os novos militares e até mesmo os já atuantes tenham uma consciência histórica mais crítica sobre a instituição que eles representam.

O presente trabalho, então, não propõe que os historiadores sejam os únicos detentores do conhecimento histórico, mas sim que as Instituições se comprometam em compreender de fato sua história, e assumir as devidas responsabilidades perante o público.

Referências Bibliográficas

CORRÊA, Luiz Otávio. Os vários significados da História Pública. *Transversos: Revista de História*. Rio de Janeiro, v. 07, n. 07, set. 2016.

DORATIOTO, Francisco. As versões de um mito. *Folha de São Paulo*, 7 de setembro de 2003. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0709200310.htm>>. Acesso em: 2 set. 2021.

FAGUNDES, Bruno Flávio Lontra. O que é, como e por que História Pública? Algumas considerações sobre indefinições. In: VIII Congresso Internacional de História, 2017, Maringá. *Anais eletrônicos...* Maringá: PPHUEM, 2017. p. 3018 - 3026. Disponível em: <<http://www.cih.uem.br/anais/2017/trabalhos/3426.pdf>>. Acesso em: 1º set. 2021.

MELLO, Evaldo Cabral de. *Olinda Restaurada: guerra e açúcar no Nordeste (1630-1654)*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.

Sites consultados

Atos esvaziados pelo país celebram golpe de 64 e pedem intervenção militar com Bolsonaro. *Folha de São Paulo*, 31 de março de 2021. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/03/atos-esvaziados-pelo-pais-celebram-golpe-de-64-e-pedem-intervencao-militar-com-bolsonaro.shtml>>. Acesso em: 06 jun. 2021.

CHIRSTOFOLETTI, Lilian. Juiz condena coronel Ustra por seqüestro e tortura. *OAB*, 2008. Disponível em: <<https://www.oab.org.br/noticia/14836/juiz-condena-coronel-ustra-por-sequestro-e-tortura>>. Acesso em: 2 set. 2021.

KAFRUNI, Simone. Segundo TCU, 6,1 mil militares ocupam cargos no governo. *Correio Braziliense*. 2020. Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/03/atos-esvaziados-pelo-pais-celebram-golpe-de-64-e-pedem-intervencao-militar-com-bolsonaro.shtml>>. Acesso em: 06 jun. 2021.

<https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/economia/2020/07/17/internas_economia,873137/segundo-tcu-6-1-mil-militares-ocupam-cargos-no-governo.shtml>. Acesso em: 31 ago. 2021

Pretos e pardos são 78% dos mortos em ações policiais no RJ em 2019: 'É o negro que sofre essa insegurança', diz mãe de Ágatha. *GI*. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/06/06/pretos-e-pardos-sao-78percent-dos-mortos-em-aco-es-policiais-no-rj-em-2019-e-o-negro-que-sofre-essa-inseguranca-diz-mae-de-agatha.ghtml>>. Acesso em: 08 jun.2021.

Estatísticas de gênero: ocupação das mulheres é menor em lares com crianças de até 3 anos. *Agência IBGE notícias*. 2021. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/30172-estatisticas-de-genero-ocupacao-das-mulheres-e-menor-em-lares-com-criancas-de-ate-tres-anos>>. Acesso em: 08 jun. 2021.

Operação Acolhida Noticiário do Exército. *Ministério da Defesa Exército Brasileiro*. 2021. Disponível em: <http://www.eb.mil.br/operacao-acolhida/noticias?p_p_id=101_INSTANCE_FB2z0y6rFLpC&p_p_lifecycle=0&p_p_state=normal&p_p_mode=view&p_p_col_id=column-1&p_p_col_count=1&p_r_p_564233524_tag=a%C3%A7%C3%A3o+humanit%C3%A1ria> Acesso em: 08 jun. 2021.

PODER 360. *Bolsonaro cita Ustra no voto pelo impeachment de Dilma Rousseff*. YouTube, 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WvN7nYxbH-o>>. Acesso em: 1º set. 2021.

SBT Jornalismo. *Bolsonaro volta a chamar Coronel Ustra de "herói nacional" | SBT Brasil (08/08/19)*. YouTube, 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dRdUX7egC6E>>. Acesso em: 2 set. 2021.